

## O ENSINO DA LÍNGUA (PORTUGUESA) NA VISÃO DO PRIMEIRO 'LINGUISTA' PORTUGUÊS\*

ANTÓNIO CARVALHO DA SILVA  
(Universidade do Minho)

1. Aquando do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, na Universidade do Minho (em Braga), oportunamente dedicado à memória do distinto Professor José de Azevedo Ferreira (1942-1995), com uma comunicação intitulada "F. Adolfo Coelho (1847-1919): o primeiro 'linguista' português" (SILVA, 1997)<sup>1</sup>, defendemos a ideia de que este filólogo oitocentista deve ser considerado o primeiro linguista português, ou seja, o Ferdinand de Saussure da lusofonia. De facto, muito antes de o linguista suíço ter escrito (em 1916) que "*a linguística tem por único e verdadeiro objecto a língua encarada em si mesma e por si mesma*" (SAUSSURE, 1986, 380), já Adolfo Coelho (em 1881) definia claramente a linguística nestes termos: "A *linguística*, ou *glottica* ou *glottologia*, a que também se chamou *philologia comparada*, é o estudo científico das línguas. A glottologia (empregaremos de preferência esta denominação) não tem por fim o estudo prático das línguas para as fallar ou escrever, nem o estudo das línguas como meio para o estudo das litteraturas: a glottologia estuda as línguas por ellas mesmas" (COELHO, 1881, 3). Assim era claramente delimitado o campo dos estudos linguísticos e determinado, ao mesmo tempo, o seu objecto de estudo (as línguas), e o método de análise da glottologia: estudar cientificamente as línguas por elas mesmas (autonomamente), sem ter em conta, por exemplo, manifestações estético-literárias ou dados histórico-culturais, aspectos estes que confluíam na vasta filologia tradicional.

Explicámos, nesse texto de 1997, que Adolfo Coelho, qualificado, no primeiro centenário do seu nascimento (1947), como "um filólogo superior ao seu tempo" (CUNHA, 1947), deveria, de facto, considerar-se o primeiro linguista português, entre outras, pelas seguintes razões:

a) argumentou a favor do aparecimento, dentro da filologia, de uma área específica de estudo científico da língua (pondo de parte a história, a cultura e a literatura) denominada 'glótica' ou 'glotologia';

b) defendeu a introdução do ensino da linguística ou glotologia em Portugal, desenvolvendo os conhecimentos sobre o Português;

c) foi (desde 1878) o primeiro professor de linguística (ou filologia comparada) do Curso Superior de Letras que, em 1871 (numa conferência), tão duramente criticara;

d) escreveu uma obra *A Lingua Portugueza* (1868) que marca, segundo a opinião corrente dos historiadores da linguística nacional, o início dos estudos linguísticos científicos de língua portuguesa.

Desde a publicação desta sua obra inaugural, o percurso científico de Adolfo Coelho foi realmente intenso, como se pode verificar pelo resumo da biobibliografia que a seguir apresentamos.

#### Quadro I – Cronologia da vida e da obra de Adolfo Coelho

1847 (15 de Janeiro) - Nasce, em Coimbra, Francisco Adolfo Coelho;
1862 - Inscreve-se, com 15 anos, na Universidade de Coimbra, mas desiste pouco depois;
1864 - Inicia as suas investigações e elabora planos de estudos filológicos e etnográficos;
1868 - Publica, em Coimbra, o seu primeiro trabalho, <i>A Lingua Portugueza</i> ;
1869 - Matricula-se no Curso Superior de Letras, que também abandonou;
1870 - Lança o opúsculo <i>Sobre a Necessidade da Introdução do Ensino da Glottica em Portugal</i> , defendendo a introdução do ensino dessa ciência, a linguística, em Portugal;
1871 - Participa nas <i>Conferências do Casino</i> com um texto sobre <i>O Ensino</i> (que será publicado, no ano seguinte, com o título: <i>A Questão do Ensino</i> );
1874 - Publica as <i>Questões da Lingua Portugueza</i> , e o <i>Methodo para Aprender a Ler, Fallar e Escrever a Lingua Franceza</i> que, até 1910, terá oito edições;
1878 - É nomeado professor de Filologia Comparada do Curso Superior de Letras de Lisboa;
1879 - Edita, na área da etnografia, a obra <i>Contos Populares Portuguezes</i> ;
1880 - Lança a <i>Revista d'Ethnologia e de Glottologia</i> , da qual sairão apenas quatro fascículos;
1881 - É editada a obra <i>Curso de Litteratura Nacional. I - A Lingua Portugueza. Noções de Glottologia Geral e Especial Portugueza</i> que terá mais duas edições (1887 e 1896);
1887 - Recebe o título de Doutor <i>honoris causa</i> pela Universidade de Göttingen (Alemanha);
1890 - Apresenta o <i>Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza</i> ;

- 1891 - Publica uma gramática: *Noções Elementares de Grammatica Portugueza*;  
1892 - Lança o trabalho *Os Ciganos de Portugal. Com um Estudo sobre o Calão*;  
1895 - Colabora na reforma do ensino secundário, que ficaria conhecida como 'Reforma de Jaime Moniz';  
1896 - Começa a publicar as *Leituras Portuguesas* que, em 1900, já terão cinco partes, oficialmente aprovadas para as cinco primeiras classes dos liceus;  
1910 - Publica a obra *Alexandre Herculano e o Ensino Publico*;  
1911 - Participa na comissão de estudo da ortografia e na de remodelação do ensino secundário;  
1916 - Publica aquela que será a sua última obra: *Cultura e Analfabetismo*;  
1919 - (9 de Fevereiro) - Morre, em Carcavelos, com 72 anos.

Se, no início da sua carreira científica (em 1868), Adolfo Coelho não passava de um jovem filólogo revolucionário, que criticava, talvez exageradamente, todas as investigações tradicionais existentes, no fim da sua vida, era já considerado um nome de primeira categoria na filologia nacional. Em 1919, quando morre, publicou José Joaquim Nunes (1859-1932) a primeira edição do seu *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, dedicando-o ao iniciador da linguística científica portuguesa, com este texto:

"À MEMÓRIA DO DR. FRANCISCO ADOLFO COELHO / a quem cabe a glória de ter sido o primeiro que entre nós aplicou ao estudo da língua portuguesa os modernos processos científicos / dedica este trabalho / O AUTOR" (NUNES, 1989, VII). O texto desta dedicatória marca o reconhecimento, feito por um dos nomes mais sonantes da filologia do início deste século, do grande mérito do iniciador do estudo científico da língua portuguesa.

2. Como vimos, ao nível da investigação científica do Português, Adolfo Coelho é considerado pioneiro. Tentaremos agora avaliar também o seu papel ao nível específico da reflexão e da prática do ensino da língua portuguesa.

Subjacente ao título deste texto ("O ensino da língua (portuguesa) na visão do primeiro 'linguista' português") está, evidentemente, a intenção de investigar uma perspectiva específica que Adolfo Coelho teria sobre o ensino do Português, já que, sendo professor, se dedicou também quer aos estudos linguísticos quer às questões pedagógicas e didácticas.

Com esse fim, estudaremos algumas das suas mais importantes publicações pedagógicas e científicas, para descobrirmos como perspectivava ele, e se o fazia de modo inovador, o ensino da língua portuguesa, ao nível do liceu e ao nível universitário.

Antes do mais, porém, comentaremos brevemente um texto polémico deste pedagogo a quinta e última Conferência do Casino, na qual critica

abertamente o estado do ensino em geral, referindo-se igualmente ao ensino da língua nacional, das línguas estrangeiras vivas e das línguas clássicas.

As Conferências do Casino, cujo programa foi dado a conhecer a 16 de Maio de 1871, decorreram entre o dia 19 desse mês (conferência de Antero de Quental, que também apresentou a segunda) e o dia 17 de Junho (conferência de Adolfo Coelho), tendo ainda participado Eça de Queirós e Augusto Seromenho, ambos com textos sobre literatura. A proibição das Conferências verificou-se a 26 de Junho desse mesmo ano.

Na conferência que realizou, Adolfo Coelho tinha já consciência bem clara dos problemas que existiam ao nível educativo, ao nível do estudo das línguas em geral, e mesmo no domínio específico do ensino da língua portuguesa.

O texto da sua conferência foi publicado em 1872 com o título *A Questão do Ensino*. Neste opúsculo, o jovem pensador (de apenas 24 anos) questiona o ensino público, dominado pela religião oficial do país: "Tal é o ensino publico em Portugal, ensino irracional, hybrido, entregue ao acaso e ao arbitrario, forçado portanto a reduzir-se á aprendizagem e á rhetorica, ao ornato oratorio, e isto fatalmente, fóra da vontade dos individuos que dão esse ensino, que não tem vontade dentro d'uma constituição que lhes impõe o que devem crêr e pensar" (COELHO, 1872, 25)<sup>2</sup>.

Esta apreciação do estado do ensino em Portugal (que até terá contribuído para o encerramento das Conferências do Casino) torna-se, entretanto, mais incisiva: "O estado geral da instrucção secundaria traça-se em poucas palavras. / *O ensino das linguas é menos que elementar. / O ensino do portuguez, introduzido nos lyceus pela reforma de 1860 [reforma do ensino secundário de Fontes Pereira de Melo], volta continuamente sobre o mesmo ponto - a analyse grammatical, crismada ás vezes com o nome pomposo d'analyse philologica; (...). / Nem uma unica noção scientifica sobre a origem da nossa lingua, e sua historia, os seus elementos etymologicos; nem a maior parte dos professores sabem nada d'isso, nem os redactores de programmas. (...)* O ensino do portuguez como está actualmente organizado, e apesar do programma, não dá afinal de contas aos estudantes conhecimentos theoreticos e praticos da nossa lingua verdadeiramente superiores aos que elle obtinha antes da creação d'esse ensino" (COELHO, 1872, 26-27)<sup>3</sup>.

Se, ao nível do Português, a organização dos programas não contribuía para uma efectiva aprendizagem dos estudantes, o ensino de outras línguas, segundo nos diz o conferencista, estava ainda pior: "O ensino das linguas antigas é vergonhoso"; "O ensino das linguas estrangeiras vivas não é menos mesquinho que o das mortas" (COELHO, 1872, 27-28).

Concluindo a sua análise crítica, Adolfo Coelho resume, numa frase, o que pensa sobre 'a questão do ensino': "O ensino dos nossos lyceus reduz-se portanto a meros exercicios de memoria" (COELHO, 1872, 32). A solução para este mal é,

segundo ele e dentro do espírito das Conferências do Casino, fazer uma reforma total e absoluta: "Uma reforma radical não é talvez possível. / Toda a reforma não radical é inútil" (COELHO, 1872, 48).

O estilo e as ideias desta conferência marcam já as reais intenções de Adolfo Coelho relativamente ao ensino em Portugal. Daqui em diante, publicando as suas obras filológicas e pedagógicas, este professor autodidacta tentava melhorar o estado do ensino público português e, especificamente, contribuir para um ensino da língua portuguesa rigoroso e fundamentado cientificamente.

É de crer, por conseguinte, que, a partir das suas obras, se possa descobrir uma teoria pedagógica sobre o ensino da língua portuguesa. Assim, depois de apresentarmos o conjunto das publicações seleccionadas para este estudo, analisaremos, primeiro, as obras que fizeram a divulgação do estudo científico da língua portuguesa (a linguística); em segundo lugar, comentando as suas obras pedagógicas, tentaremos verificar se elas constituem um projecto inovador ao nível do ensino do Português, completando a teoria (a investigação) com a prática (o ensino).

Adiantamos, porém, desde já que em Adolfo Coelho não é possível falar tanto numa teoria estruturada e definida sobre o ensino das línguas, mas mais num projecto prático de publicação de obras linguísticas e pedagógicas que estariam ao serviço do ensino da língua portuguesa: uma gramática escolar, um dicionário manual, uma selecta de leituras, para além dos trabalhos teóricos de defesa e divulgação do estudo científico da linguagem, que pretendem dar a entender um princípio fundamental do pensamento científico do autor o ensino da língua deve sempre ter por base a linguística ou glotologia.

Das mais de 200 publicações de Adolfo Coelho, fizemos uma selecção de cerca de uma dezena de trabalhos que nos parecem dos mais pertinentes para a análise desta dupla questão (a investigação e o ensino da língua portuguesa).

#### **Quadro II - Trabalhos de Adolfo Coelho seleccionados para este estudo**

A - Obras de divulgação da glotologia/linguística:

- 1) *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868, 1º fascículo, XXIII+137 páginas;
- 2) *Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal*, Lisboa, Lallemand Frères, 1870, 15 páginas;
- 3) *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, Lisboa, Tipografia Universal, 1880, fascículo I e 1881 - fascículos II-IV, 208 páginas;

B - Manuais de ensino da língua portuguesa:

- 4) *Curso de Litteratura Nacional. I - A Língua Portuguesa. Noções de Glottologia Geral e Especial Portuguesa*, Porto, Livraria Universal, 1881, VII+145 páginas;

- 5) *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza, contendo a significação e prosodia*, Lisboa, P. Plantier - Editor, s/d [1890], XI+1248 páginas;
  - 6) *Noções Elementares de Grammatica Portugueza*, Porto, Lemos & C<sup>o</sup> - Editores, 1891, VII+130 páginas;
  - 7) *Curso de Lingua e Litteratura Portuguesa. Leituras Portuguesas*, Lisboa, M. Gomes, Editor, 1896, 1<sup>a</sup> parte, VIII+127 páginas e 1896, 2<sup>a</sup> parte, VII+151 páginas;
- C - Obras diversas sobre o ensino e a instrução pública:
- 8) *A Questão do Ensino (Conferencia publica feita no Casino Lisbonense em 17 de Junho de 1871)*, Porto/Braga, Livraria Internacional, 1872, 69 páginas;
  - 9) *O Ensino da Lingua Portuguesa nos Lyceus*, Porto, Magalhães & Moniz - Editores, 1895, 45 páginas;
  - 10) *Cultura e Analfabetismo*, Porto, Edição da 'Renascença Portuguesa', 1916, 107 páginas.

Tentando estruturar melhor este trabalho, organizamos as obras seleccionadas de Adolfo Coelho em três secções, todas elas relacionadas com o ensino da língua portuguesa: publicações de divulgação da linguística; manuais de ensino da língua portuguesa; obras diversas sobre o ensino e a instrução pública.

Se analisarmos a totalidade dessas obras, verificamos facilmente que os trabalhos de divulgação da linguística se situam entre 1868 e 1880 (*A Lingua Portugueza, Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal, Revista d'Ethnologia e de Glottologia*), e que, entre 1881 e 1900, surgem as obras pedagógicas e didácticas destinadas, directa ou indirectamente, ao ensino da língua portuguesa. De facto, não é totalmente arbitraria esta selecção temporal de cerca de três décadas (de 1870 a 1900) e enquadra-se, de acordo com a caracterização do percurso científico de Adolfo Coelho feito por Manuel de Paiva Boléo em 1947, nas quatro primeiras fases da sua carreira de investigador: primeira fase estudo da língua portuguesa no quadro românico; segunda fase análise da língua portuguesa no quadro das línguas indo-europeias (1868 até 1880); terceira fase investigação das relações da linguística geral com a etnologia e com a etnografia (1880 em diante); quarta fase - reflexão sobre os problemas educativos (depois de 1883) (Cf. BOLÉO, 1947, 659-662).

A nossa análise far-se-á, por conseguinte, em dois momentos: comentário, por um lado, das obras de divulgação da linguística e, por outro, das publicações que são eminentemente pedagógicas e destinadas ao ensino da língua portuguesa: curso de língua e literatura, dicionário, gramática, livro de leituras.

3. Para não alongarmos muito esta exposição, analisaremos apenas, com maior incidência, a obra *A Língua Portuguesa* (1868) e o artigo *Sobre a Necessidade da Introdução do Ensino da Glottica em Portugal* (1870): a primeira, porque marca o início da linguística científica em Portugal; a segunda, visto que constitui um texto programático, publicado na sequência do anterior e que defende abertamente a urgência do ensino da linguística em Portugal, como fundamento para o estudo da língua nacional. Quanto à *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, referi-la-emos sumariamente.

### ***A Língua Portuguesa* (1868)**

Com apenas 21 anos, Adolfo Coelho publica *A Língua Portuguesa*, que marca, sem qualquer dúvida, um momento de ruptura na história da linguística nacional. Logo no prefácio, o autor diz-nos muito claramente quais as suas intenções, como estudioso da língua portuguesa: "O livro que hoje publicamos é o primeiro d'uma serie de trabalhos que empreendemos sobre a lingua portugueza, trabalhos que devem comprehender a totalidade das questões que ella suscita. / Dois são os objectos que nelle temos em vista a grammatica e os principios da etymologia portugueza; mas o principal é a grammatica, isto é, o estudo do organismo da lingua nos seus elementos" (COELHO, 1868, III). Tendo por base esta intenção, o filólogo anuncia a publicação de uma *História da língua portuguesa*, de um *Dicionário etimológico* e de um *Glossário do português arcaico e provincial* (Cf. COELHO, 1868, IV), que completariam os seus estudos linguísticos sobre o Português.

Este era, desde o começo, o seu grande projecto, que só foi alterado devido às severas críticas, feitas, na altura, pelo autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, Inocêncio Francisco da Silva, às quais Adolfo Coelho ripostou com o opúsculo *Algumas observações ácerca do Diccionario Bibliographico Portuguez e seu auctor*<sup>4</sup>

A primeira obra de Adolfo Coelho, *A Língua Portuguesa*, tinha como subtítulo *Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*, sendo o primeiro fascículo de 1868 (e único) dedicado apenas à fonologia portuguesa. O autor anunciava, na contracapa, que os três fascículos seguintes concluiriam a análise da fonologia, da etimologia, da morfologia e da sintaxe, apresentando ainda um apêndice sobre dialectos.

A sua intenção resumia-se, portanto, ao seguinte: constatando a existência de um grande atraso na investigação da glótica (que se reflecte negativamente no ensino da língua) era necessário que, rapidamente, se desenvolvessem estudos sobre a ciência da linguagem, para que, deste modo, também o ensino do Português avançasse. Ele próprio se compromete, o que cumprirá por volta de 1890, a publicar uma gramática e um dicionário, que são afinal os instrumentos fundamentais para o conhecimento de uma língua.

O autor d'*A Língua Portuguesa* explica-nos claramente também que, ao analisar os trabalhos dos filólogos estrangeiros, chegou à conclusão de que tanto a investigação como o ensino da língua portuguesa estavam muito pouco desenvolvidos:

"Quando começámos a conhecer os trabalhos dos modernos philologos estrangeiros, vimos tristemente que a philologia portugueza era completamente alheia aos progressos que a sciencia da linguagem, a *glottica*, para usarmos da melhor das denominações que lhe têm sido dadas, tinha realisado (...). Portugal está em philologia pouco mais ou menos no ponto em que essas nações estavam no começo d'este seculo. O elementar mesmo da *glottica* é aqui ignorado, a julgar pelo que se escreve e se ensina (...)" (COELHO, 1868, VII).

### ***Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal (1870)***

Se o seu primeiro trabalho, que, apesar de criticado, veio a obter uma consagração histórica, não nos tivesse totalmente esclarecido sobre as reais intenções deste filólogo, só o título deste outro, *Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal*, confirmaria que o autor deste texto programático foi um verdadeiro inovador no âmbito da divulgação da linguística portuguesa, quando propôs o ensino da ciência da linguagem quer ao nível liceal (em Coimbra e em Lisboa) quer no âmbito universitário (no Curso Superior de Letras).

Depois de expor sumariamente as origens da ciência da linguagem, Adolfo Coelho explica que as nações cultas (Alemanha e França, sobretudo) têm já estudos avançados sobre a glótica, sendo este particular interesse pela linguagem explicado pelo facto de ela ser (ao lado do pensamento) uma verdadeira marca de estilo do Homem.

Justificado o valor da ciência (a linguística) e do seu objecto (a linguagem), Adolfo Coelho não pode, como é natural, deixar de estranhar que, em Portugal, não haja estudo nem ensino dessas matérias, sendo portanto esta a primeira finalidade do seu trabalho propor o ensino da ciência da linguagem: "o nosso escripto, o titulo o indica, pretende apenas fazer notar a importancia d'uma lacuna em a nossa instrucção publica, a falta do ensino d'essa sciencia" (COELHO, 1870b, 10).

Enquanto indica a finalidade do seu texto, o nosso pedagogo analisa, em específico, a questão do ensino da língua portuguesa, esclarecendo que "o estudo da lingua nacional [foi] decretado pela primeira vez, em 1770, para as escholae, [mas] resumia-se á grammatica elementar e applicação das suas regras na analyse verbal dos auctores" (COELHO, 1870b, 11)<sup>5</sup>.

Para que estas ideias não ficassem apenas em projecto, Adolfo Coelho propõe mesmo a criação desse tipo de ensino (cadeiras de ciência da linguagem)

ou no Curso Superior de Letras (com algum receio), ou, pelo menos, nos liceus centrais de Lisboa e de Coimbra (Cf. COELHO, 1870b, 13)<sup>6</sup>, como solução de recurso. Por fim, neste texto programático, o filólogo apresenta ainda uma proposta de organização do curso de glótica que, segundo ele, "pode ter por objecto os principios geraes da sciencia, a classificação morphologica e genealogica das linguas, as leis que dominam na sua historia, etc., ou limitar-se á applicação do methodo e principios da sciencia ao estudo de uma lingua ou familia ou grupo de linguas. (...) O mais conveniente é dividir o curso em duas secções: uma que comprehenda a parte geral, outra que comprehenda a parte applicada" (COELHO, 1870b, 14-15).

Nota-se, pois, que o autor tem uma ideia muito clara sobre a cadeira cuja introdução propõe e verifica-se até que, nesta divisão (se exceptuarmos as diferenças de terminologia), já se vê a distinção, feita pelo linguista John Lyons nos anos 80 deste século, entre linguística geral (que estuda as propriedades das línguas em geral ou da linguagem) e linguística descritiva (que descreve ou analisa em termos práticos uma determinada língua)<sup>7</sup>.

Parece-nos, em conclusão, que estes dois trabalhos de Adolfo Coelho marcam a sua forte vontade de desenvolver os estudos de linguística em Portugal, para o que ele próprio ia contribuindo com a publicação de obras que remodela e reedita. Ainda ao nível do desenvolvimento da filologia e nesta fase, não podemos deixar de citar o trabalho *Questões da Lingua Portuguesa* (publicado em 1874, a primeira parte, e em 1889, a segunda), que servira inicialmente (em 1871) de introdução ao *Grande Dicionário Português* de Domingos Vieira.

Em 1880, Adolfo Coelho lançou também a *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*, que teve apenas quatro fascículos (um em 1880 e três em 1881), com artigos escritos exclusivamente por ele, sobre temas etnológicos (festas, crenças e costumes populares; contos tradicionais) ou assuntos glotológicos (onomatologia).

4. Das obras de Adolfo Coelho destinadas ao ensino da língua portuguesa, também comentaremos apenas as mais significativas o dicionário e a gramática, referindo, de passagem, o *Curso de Litteratura Nacional* (dois volumes de 1881) e o *Curso de Lingua e Litteratura Portuguesa* (cinco partes, de 1896 a 1900).

Adolfo Coelho começou por publicar um trabalho para uso dos liceus centrais (um misto de manual escolar e de estudo científico) - o *Curso de Litteratura Nacional*, constituído por um primeiro volume (*A Lingua Portuguesa*) que teve três edições, a última delas aprovada oficialmente (1881, 1887, 1896)<sup>8</sup>. Segundo o autor, este livro "foi escripto com a intenção de acudir ás necessidades mais urgentes do nosso ensino no que respeita á história da lingua materna e de dissipar um certo numero de opiniões erroneas que infelizmente ainda hoje se professam" (COELHO, 1881, V). Ao mesmo tempo que pretende

colmatar uma falha no campo da linguística diacrónica, este pedagogo apresenta uma observação metodológica para os estudantes (que nos deixa entrever já as suas intenções pedagógicas): "É facil de ver que não tivemos a intenção de fazer um livro para ser decorado pelos estudantes: os livros d'esse genero teem sido, segundo a nossa opinião, uma das calamidades do ensino (...); é mister, em summa, que as leis e phenomenos das linguas, como os das litteraturas, sejam estudados convenientemente, e não se reduzam a um simples exercicio de memoria ou sejam materia para banalidades palavrosas" (COELHO, 1881, VI-VII).

Em síntese, nesta obra, enquanto recapitula o seu interesse em desenvolver os conhecimentos em torno da língua portuguesa (e este era, afinal, o seu maior projecto), vai também mostrando os seus saberes pedagógicos defendendo a compreensão e criticando a memória.

***Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza, contendo a significação e prosodia [s/d – 1890]***

Escrevia Adolfo Coelho, em 1870, num opúsculo intitulado *O Relatorio do Sr. Latino Coelho ácerca do Diccionario da Academia* que "Uma das empresas que mais teem preocupado a nossa Academia das Sciencias de Lisboa desde a sua fundação [em 24/12/1779] é a da publicação d'um diccionario da lingua portugueza" (COELHO, 1870c, 3)<sup>9</sup>, afirmação esta que, mais de dois séculos volvidos, pode repetir-se ainda, sendo o seu conteúdo igualmente verdadeiro: em 1793, saiu, de facto, o primeiro volume (e único, até hoje) do *Diccionario da Língua Portuguesa* da Real Academia de Ciências de Lisboa, que dizia respeito apenas a parte da letra <A>.

Como, nos finais do século XIX, essa majestosa empresa continuava por realizar, Adolfo Coelho, depois de discutir os princípios lexicológicos que deveriam presidir à elaboração de uma obra destas, realizou também o seu trabalho efectivo de lexicografia.

Assim, através da publicação de um dicionário de Português, o nosso filólogo deu mais uma prova do seu interesse permanente em preparar instrumentos para que os estudantes pudessem desenvolver os seus conhecimentos linguísticos sobre a língua portuguesa.

Este dicionário tem, desde logo, o mérito de apresentar a prosódia ou pronúncia padrão das palavras o que ainda não existe nos nossos dicionários mais correntes. Além disso, inclui, claro está, os significados, uma breve informação morfológica, dados da etimologia das palavras, faltando apenas a análise de expressões idiomáticas, o que nos permite afirmar ser este um trabalho de alto valor para a época.

Na prefácio do dicionário, antes de explicar sumariamente questões relativas à terminologia, à ortografia (reconhecendo mesmo a necessidade de uma reforma ortográfica, na qual ele próprio, em 1910, viria a participar<sup>10</sup>), à

pronúncia, à significação e à etimologia, o lexicógrafo volta a lamentar a falha que é a não existência de um verdadeiro *Dicionário da Língua Portuguesa*: "O numero de dictionarios existentes da lingua portugueza é ja consideravel, mas falta-nos ainda um trabalho largo em que tenham sido aproveitadas de modo tão completo quanto possivel todas as fontes da lingua" (COELHO, 1890, V).

Nem ele próprio, que terá contado com a colaboração dos seus alunos do Curso Superior de Letras, conseguiu realmente elaborar um trabalho perfeito, mas contribuiu, deste modo, para criar mais um instrumento fundamental de estudo da língua portuguesa.

### *Noções Elementares de Grammatica Portugueza (1891)*<sup>11</sup>

Numa altura em que era lente do Curso Superior de Letras, Adolfo Coelho publicou mais um trabalho fundamental para o ensino da língua portuguesa: um manual de gramática, de tipo pedagógico e descritivo, destinado aos exames do ensino primário e de admissão aos liceus, que, de acordo com aquilo que se pode ler no prefácio, pretende ser uma obra inovadora, e marcar uma ruptura em relação aos trabalhos anteriores: "Não cabe nos estreitos limites d'uma prefação justificar as diversas innovações que apresenta este livrinho, já nas doutrinas, já na exposição, innovações que são apenas um primeiro passo para outras que, segundo o nosso entender, convém realizar no dominio do ensino grammatical, logo que o terreno esteja sufficientemente preparado" (COELHO, 1891, V).

Parece-nos, pois, que, nesta obra, e finalmente, se materializam algumas das inovações científicas que este filólogo e pedagogo ia propondo, desde 1868 (data da publicação d'*A Língua Portuguesa*), para o ensino da língua portuguesa em geral, procurando combater, em particular, a estagnação do ensino gramatical.

O professor esclarece mesmo, ainda no prefácio, que a sua intenção é, de facto, quebrar com o tipo de ensino tradicional anteriormente existente, afirmando a esse propósito: "Se tivéssemos apenas que repetir esses e outros grammaticos que se occuparam da lingua nacional, não teríamos vindo hoje accrescentar mais um numero á litteratura escolar portugueza, em que ha tanta coisa inutil e até prejudicial; mas os nossos estudos especiaes de longos annos levaram-nos a ideias theoricas diversas em parte das d'esses grammaticos e a modificar tambem ou completar em diversos pontos a simples exposição dos factos da lingua. Dois opusculos que preparamos para a publicidade apresentarão os argumentos que cremos justificam as innovações que adoptámos e as que julgamos devem ser subsequenteemente adoptadas: um d'esses opusculos tem por objecto as doutrinas grammaticaes; outro o methodo d'ensino d'essas doutrinas" (COELHO, 1891, VI).

E é através da publicação de obras como esta que Adolfo Coelho vai pondo em prática as suas concepções pedagógicas e científicas de ensino da língua portuguesa, aos níveis da fonética (primeira parte), da morfologia (segunda

parte), e da sintaxe (terceira parte). Apesar de tudo, é no âmbito da fonética e da morfologia que ele mais aposta. A descrição sintáctica é ainda muito incipiente: são dedicadas cerca de 20 páginas, num capítulo intitulado "Da formação das proposições", à organização das frases. Um possível capítulo sobre questões semânticas, que Adolfo Coelho propusera teoricamente, não aparece ainda nesta descrição escolar da língua portuguesa.

Da análise que, em tempos, fizemos a esta gramática (SILVA, 1994, 145), pudemos concluir que, de facto, se trata de uma gramática de tipo descritivo, tem uma fundamentação teórica e científica adequada, trata as partes essenciais da descrição linguística (fonética, morfologia e sintaxe), encadeando as partes de modo a facilitar a aprendizagem, descreve os factos linguísticos de acordo com a realização corrente dos falantes e não apresenta rigidamente as normas linguísticas ou os modelos dos bons autores literários.

Em relação ao ensino da gramática, num trabalho publicado em 1895, *O Ensino da Língua Portuguesa nos Lyceus*, Adolfo Coelho apresenta algumas ideias que confirmam o panorama aqui traçado e que demonstram uma visão cada vez mais alargada do ensino do Português: "O tempo consagrado á grammatica não deixa espaço para exercicios praticos de leitura, explicação de textos e de reproducção oral e por escripto do que se leu, com modificações ou sem ellas, e de redacção propriamente dita. O que signifique um texto, qual o seu conteúdo *real*, pouco importa. As selectas em verdade abundam até em trechos vazios de conteúdo, de peças puramente rhetoricas" (COELHO, 1895, 22).

***Curso de Língua e Litteratura Portuguesa. Leituras Portuguesas, oficialmente aprovadas para uso da primeira classe dos lyceus (1896 - 1ª e 2ª partes; 1897 - 3ª parte<sup>13</sup>; 1898 - 4ª parte<sup>14</sup>; 1900 - 5ª parte<sup>12</sup>)***

Para completar o projecto de reforma pedagógica, faltava a publicação de um curso de língua e literatura, o que aconteceu com a edição das *Leituras Portuguesas*. Esta foi a obra de Adolfo Coelho com mais partes e cujas reedições totalizaram cerca de quatro dezenas. O *Curso de Língua e Litteratura Portuguesa*, cuja publicação começa em 1896 (primeira parte) e termina em 1900 (quinta parte), surge na sequência da reforma do ensino secundário de 1895, dirigida por Jaime Moniz e na qual colaborou também o próprio Adolfo Coelho.

O primeiro volume da obra, destinado à primeira classe dos liceus, organiza-se em duas partes: uma de textos em prosa e outra de poesia, para além de, em anexo, incluir uma secção de vocabulário e onomástica (provavelmente para ajudar os alunos na compreensão dos textos). No prefácio da primeira parte deste curso, o autor explica que consultou cerca de 30 livros de leitura escolar e que procurou respeitar os princípios da didáctica definidos na recente reforma do

ensino: "Como é bem sabido os melhores escriptores portuguezes não pensaram, por via de regra, em escrever para a infancia e alguns que o tentaram não foram a maior parte das vezes felizes. Resulta dahi ser extremamente difficil reunir uma collecção de trechos que satisfaçam plenamente ás condições exigidas pela didactica, taes como as regista o programma de lingua portuguesa para os tres primeiros annos do curso dos lyceus, segundo a reforma de 1895" (COELHO, 1896a, V).

O que nos chama, pois, a atenção nesta introdução é o facto de o seu autor procurar seguir as inovações da recente reforma do ensino (de 1895), as normas da didáctica, as necessidades pedagógicas dos alunos e, finalmente, por dar, ao nível da execução, uma total liberdade de actuação aos professores, os verdadeiros responsáveis pelo ensino.

No prefácio da segunda parte deste curso (publicada no mesmo ano de 1896 e também dividida em duas partes - prosa e poesia) descobrimos uma observação interessantíssima sobre a actuação pedagógica dos professores (com a qual, ainda hoje, devemos estar de acordo): "(...) não póde pretender-se haver já grande rigor nesses elementos, aliás muito importantes para a construcção do saber futuro; não se deve exigir dos alumnos exactidão perfeita nas explicações (...): o rigor é o termo, não o começo, relativamente a essas coisas no ensino" (COELHO, 1896b, VI).

O que nos parece pouco acertado (e que pudemos concluir do prefácio das últimas três partes deste curso) é que os textos apresentados sirvam mais como documentos de aprendizagem da geografia e da história portuguesas do que como elementos de compreensão do funcionamento da língua nacional. Seria louvável, porém, esta iniciativa, se o autor estivesse, por acaso, a pôr em prática a tão actual 'transversalidade da língua portuguesa'.

5. A primeira conclusão que desta análise se pode retirar é que, com um dicionário, com uma gramática, com vários cursos de língua e literatura portuguesa, Adolfo Coelho terá contribuído grandemente para uma melhoria do ensino da língua portuguesa nos finais do século XIX.

Mais espantoso ainda é que tenha sido um só homem, sem formação académica, a escrever, em cerca de três décadas, uma dezena de obras fundamentais para a difusão da glotologia portuguesa.

Do projecto científico-pedagógico de Adolfo Coelho, podemos destacar duas tendências principais: por um lado e numa primeira fase, faz a divulgação da ciência da linguagem (glótica, glotologia ou linguística) em Portugal, através da publicação de obras inovadoras e textos programáticos; por outro lado e entretanto, o linguista faz-se também pedagogo e inicia a publicação de obras fundamentais para o ensino da língua portuguesa: uma gramática descritiva, um dicionário manual e uma série de livros de leituras.

Em 1889, na *Revista de Educação e Ensino*, num texto em que debatia "A Reforma do Curso Superior de Letras", regista precisamente a ideia de que se deve conciliar o ensino da glotologia com o da língua portuguesa: "Pode fazer-se, como se faz agora, sem consideráveis inconvenientes, o ensino dos elementos de glottologia geral com o da lingua portugueza num só curso, porque se trata da lingua que os alumnos conhecem melhor e porque não é a philologia portugueza inteira, mas só a lingua, o objecto especial das lições" (COELHO, 1889, 528).

Deste modo, se quiséssemos eleger um princípio fundamental da sua teoria didáctica diríamos que tal princípio se concretiza no facto de Adolfo Coelho acreditar que o ensino da língua e da gramática portuguesas só são possíveis se os alunos possuírem alguns conhecimentos fundamentais da ciência da linguagem. Por essa razão é que, antes do mais, este filólogo novecentista defendeu a introdução do ensino da linguística ao nível universitário e liceal, e só depois lançou iniciativas pedagógicas para o ensino do Português.

É sugestiva também a particularidade de Adolfo Coelho ter iniciado a sua carreira científica publicando a obra *A Lingua Portuguesa* e, pouco depois, *A Questão do Ensino* (nas quais estavam já em embrião as suas grandes preocupações o **Ensino do Português**), e terminar com a edição do trabalho *Cultura e Analfabetismo*<sup>15</sup>, muito mais vasto na sua intenção, mas que continua relacionado com o Ensino, a Educação e a Cultura.

No fundo, em todos os seus trabalhos, mas sobretudo no texto da gramática, verifica-se o desejo profundo de inovar e de melhorar o ensino da nossa língua. Temos, por conseguinte, em Adolfo Coelho um verdadeiro projecto, teórico e prático, de ensino da língua portuguesa, fundado em dois intentos fundamentais: por um lado, os métodos de ensino e os princípios da instrução deveriam ser totalmente remodelados e, por outro, o ensino prático das línguas teria obrigatoriamente como fundamento o estudo e a investigação da ciência da linguagem a glótica ou glotologia.

E o facto de Adolfo Coelho ter sido, simultaneamente, um filólogo e um pedagogo, professor e autodidacta deram-lhe uma autoridade acrescida para propor esta remodelação do Ensino do Português, que, ainda hoje e em muitos aspectos, continua a ser urgente e necessária.

Por conseguinte, se, ao apreciar a totalidade da sua obra, Jacinto do Prado Coelho o nomeava "um dos homens que mais contribuíram para a dignidade da nossa Cultura e que mais tenazmente se preocuparam com definir e melhorar Portugal" (COELHO, 1948, 41), é compreensível que, no âmbito específico do ensino da língua portuguesa e da divulgação da filologia científica, o consideremos não só o primeiro linguista português, mas também um dos primeiros didactas da língua nacional, ao nível teórico e ao nível prático, graças às publicações científicas e pedagógicas que foi apresentando.

## Notas

\* Em sinal de reconhecimento e de gratidão, dedicamos este modesto trabalho ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro, com quem aprendemos linguística portuguesa nos últimos sete anos.

1 A nossa firme convicção é que Adolfo Coelho deve ser considerado o primeiro 'linguista' português. O facto de colocarmos esse termo entre aspas simples não significa incerteza na afirmação, mas pretende tão-só indicar que Adolfo Coelho preferia chamar 'glótica' ou 'glotologia' à sua ciência. A história da nossa língua, porém, pôs de parte os vocábulos que ele apresentara e consagrou o termo de que ele menos gostava - 'linguística'. Assim se comprova, mais uma vez, que é o povo que faz a língua e não os gramáticos.

2 Falando da investigação e do ensino, neste mesmo texto, Adolfo Coelho acusava: "N'uma palavra, a investigação livre da verdade é impossível em Portugal. Em resultado d'este facto o ensino official portuguez reduz-se em toda a parte, sem excepção alguma, á aprendizagem, á *dressage*, como dizem os francezes, á *verbiage*, a adornar os espiritos com noções vagas" (COELHO, 1872, 24).

3 (Os sublinhados deste texto são nossos.) Os críticos de Adolfo Coelho acusaram-no (sobretudo em 1868, quando publicou *A Língua Portuguesa*) de não usar construções sintácticas exemplares. Temos, neste texto, um exemplo que os puristas de então poriam imediatamente em causa: "nem a maior parte dos professores sabe[m] nada d'isso".

4 Veja-se o tom sereno mas severo da resposta de Adolfo Coelho a Inocêncio F. da Silva: "É de lastimar que o sr. Innocencio Francisco da Silva, tenha, em varios casos, feito do seu *Diccionario* instrumento de vinganças pequeninas, em que o seu espirito, cego pela paixão, lhe faz perder de vista o caracter d'esse livro, e, o que é peor, o bom senso e a verdade" (COELHO, 1870a, 5).

5 Quando, em 1770, é decretado o ensino da língua nacional, o manual adoptado é a *Arte da Grammatica da Língua Portugueza* de António José Reis Lobato, que foi editada pela primeira vez nesse ano de 1770, sendo aprovada como gramática oficial de Português e tendo várias edições sucessivas até 1869, num total de cerca de 40. (Cf. ASSUNÇÃO, 1997, 83-84.)

6 A suspeição que o autor lança sobre o Curso Superior de Letras é realmente grave (mas não podemos avaliar até que ponto era verdadeira): "Poder-se-hia introduzir o ensino da glottica no Curso superior de letras. Aqui, porém, nasce um receio legitimo, o de tornar tão inutil o novo ensino como o tem sido o Curso superior de letras desde a sua fundação. Que sahio do Curso superior de letras até agora? Cousa nenhuma" (COELHO, 1870b, 13).

7 Cf. LYONS, John, *Lingua(gem) e Lingüística - uma introdução*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987, página 43: "A primeira distinção a se estabelecer é entre a lingüística geral e a descritiva. É bastante direta em si mesma. Corresponde à que existe entre estudar a linguagem e descrever determinadas linguas".

8 O segundo volume desta obra, *Noções de Litteratura Antiga e Medieval*, teve uma única edição, também em 1881.

9 Na página cinco desse mesmo artigo, há uma observação esclarecedora do que pensa Adolfo Coelho acerca do relatório de Latino Coelho: "As considerações que o relator faz sobre que palavras se devem admittir no dictionario são banaes e incompletas; não tem em vista a historia da nossa lingua nem o caracter d'um trabalho lexicologico scientifico".

10 Cf. COELHO, 1890, VI: "Reconheço a necessidade d'uma reforma orthographica, mas as difficuldades practicas são tão grandes que só um espirito temerario pode julgar que é facil dictar leis sobre a materia".

11 Realizámos já um estudo específico sobre esta obra: SILVA, António Carvalho da. "F. Adolfo Coelho e a Gramática Portuguesa" (Trabalho de síntese das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica em Linguística Portuguesa). Funchal, Universidade da Madeira, 1994. [Texto não publicado.]

12 Esta parte da obra (a terceira) divide-se nas seguintes secções: 1ª secção (prosa) - trechos narrativos, descritivos, tecnológicos; 2ª secção (poesia) - poesias líricas, descritivas, narrativas, didácticas e apólogos.

13 Este quarto volume do trabalho de Adolfo Coelho é composto por: 1ª secção (prosa) - trechos históricos, descritivos, epistolares, oratórios, didáctico; 2ª secção (poesia) - poesias líricas, descritivas, apólogo e cena dramática.

14 Finalmente, nesta parte, o autor inclui excertos diversos de epopeias dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, posteriores a *Os Lusíadas*.

15 Pode verificar-se, logo nas primeiras páginas desta sua última obra, que autor tem uma visão renovada de analfabetismo (que estará próxima da moderna noção de iliteracia), quando critica uma concepção tradicional de analfabetismo: "(...) noto só que nisso se manifesta ainda a convicção de que o analphabetismo é em si um grande mal, que urge estirpar, como se ler, escrever e contar fossem o passaporte para o país da sciencia, do patriotismo e de todas as outras virtudes, assim como da capacidade pratica" (COELHO, 1916, 12).

### **Bibliografia Activa**

"A Reforma do Curso Superior de Letras", *Revista de Educação e Ensino*, Lisboa, Dezembro de 1889, Nº 11 e 12, páginas 513-538.

*A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868, 1º fascículo.

*A Questão do Ensino (Conferencia publica feita no Casino Lisbonense em 17 de Junho de 1871)*, Porto/Braga, Livraria Internacional, 1872.

*Algumas Observações ácerca do Dictionario Bibliographico Portuguez e seu Auctor*, Lisboa, Tipografia Luso-Britânica, 1870a.

*Cultura e Analfabetismo*, Porto, Edição da 'Renascença Portuguesa', 1916.

- Curso de Lingua e Litteratura Portuguesa. Leituras Portuguesas*, Lisboa, M. Gomes - Editor, 1896a, 1ª parte.
- Curso de Lingua e Litteratura Portuguesa. Leituras Portuguesas*, Lisboa, M. Gomes - Editor, 1896b, 2ª parte.
- Curso de Litteratura Nacional. I - A Lingua Portuguesa. Noções de Glottologia Geral e Especial Portuguesa*, Porto, Livraria Universal, 1881.
- Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*, Lisboa, P. Plantier - Editor, s/d [1890].
- Noções Elementares de Grammatica Portuguesa*, Porto, Lemos e C.ª - Editores, 1891.
- O Ensino da Lingua Portuguesa nos Lyceus*, Porto, Magalhães & Moniz - Editores, 1895.
- O Relatório do Sr. Latino Coelho ácerca do Diccionario da Academia*, Lisboa, Lallemand Frères, 1870c.
- Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal*, Lisboa, Lallemand Frères, 1870b.

### **Bibliografia Passiva**

- ASSUNÇÃO, Carlos Costa, *Reis Lobato - Gramático Pombalino*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1997.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, "Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX", *Biblos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1947. Volume XXIII, Tomo III, páginas 659-662.
- COELHO, Jacinto do Prado, "Adolfo Coelho", *Revista de Portugal (Série A - Língua Portuguesa)*, Lisboa, Editorial Império, Fevereiro de 1948, Volume XIII, N.º 62, páginas 607-691.
- CUNHA, Arlindo Ribeiro da, "Adolfo Coelho: um filólogo superior ao seu tempo", *Revista de Portugal. Série A - Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Império, Fevereiro de 1947, Volume XI, N.º 52, páginas 42-45.
- LYONS, John [1981], *Lingua(gem) e Linguística uma introdução*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- NUNES, José Joaquim [1919], *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, Lisboa, Clássica Editora, 1989, 9ª edição.
- SAUSSURE, Ferdinand de [1916], *Curso de Linguística Geral* (Tradução de José Victor Adragão), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986, 5ª edição portuguesa.
- SILVA, António Carvalho da, "F. Adolfo Coelho (1847-1919): o primeiro 'linguista' português", in CASTRO, Ivo (Editor), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1997, Volume II, páginas 549-558.

ACTAS DO XV ENCONTRO NACIONAL DA APL

SILVA, António Carvalho da, "F. Adolfo Coelho e a Gramática Portuguesa" (Trabalho de síntese das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica em Linguística Portuguesa), Funchal, Universidade da Madeira, 1994. [Texto não publicado.]